

HOMENAGEM DE VIDA

Serviço Social e prática política feminista: o protagonismo de Suely Gomes Costa

Ana Lole*

A contribuição de Suely Gomes Costa para o Serviço Social é notória. A sua trajetória acadêmica e profissional entrelaça com a história da Escola de Serviço Social (ESS) da Universidade Federal Fluminense (UFF) e, também, com a própria história do Serviço Social brasileiro, uma vez que ingressa no curso de graduação em Serviço Social após 23 anos de sua criação, em 1959. Participou ativamente nos anos 1960 e 1970 dos grupos de discussão nos congressos de teorização do Serviço Social promovidos pelo Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais (CBCISS) (Cf. COSTA, 1970 e 1988; CBCISS, 1984).

A produção intelectual de Suely demonstra um vasto debate sobre Serviço Social e também uma participação ativa nos congressos de teorização. Atuou vivamente nas instituições de organização profissional – Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), Conselho Regional de Serviço Social (CRESS), Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS)¹ –, através de debates, mesas, e também na gestão do CFESS (1987-1990) como conselheira. Participou do conselho do CBCISS, no período de 1990 a 1993.

Nos anos 1980 encontrou-se com o feminismo através da professora Hildete Pereira de Melo, professora do curso de Economia da Universidade Federal Fluminense (UFF), e depois deste encontro Suely remeteu suas produções para esse campo também, mas não só.

O entrelaçamento entre produção científica e militância feminista em defesa da saúde e da vida marcou a trajetória de Suely Gomes Costa:

* Assistente Social e mestre em Política Social pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora em Serviço Social e Pós-Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio. E-mail: analole@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2991-3594>

¹ Cabe ressaltar que o CFESS e o CRESS antes de 1993 eram designados como CFAS (Conselho Federal de Assistentes Sociais) e CRAS (Conselho Regional de Assistentes Sociais), já a ABEPSS até 1996 era designada como ABESS (Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social).

assistente social, economista, historiadora, feminista. Uma “intelectual orgânica” que sempre esteve além de seu tempo. Suely, carioca, nascida em 11 de setembro de 1938, a mais velha de oito irmãos, casou-se e teve dois filhos.

A vida de Suely, como ela mesma costumava dizer, é construída através de “encontros e de afetos, também de alguns desafetos”. E foi num desses encontros, bem inesperados, que nos encontramos. Já se passaram duas décadas desse encontro de afetos, porém suas palavras, ensinamentos e ternura permanecem presentes no cotidiano de minhas pesquisas, estudos, aulas, militância, de minha vida.

Suely sempre generosa e acolhedora, gostava de receber as pessoas em sua casa. Posso confessar que lá era um laboratório de produção do conhecimento, sua biblioteca enorme com uma imensa variedade de livros, as histórias contadas por ela, os quitutes feitos por ela... Recebia em sua casa alunas, pesquisadoras, amigas, colegas de trabalho..., e nunca saíamos de lá da mesma forma que chegávamos. Sempre nos enchia de entusiasmo e de conhecimento, uma verdadeira intelectual. Lembro sempre de suas palavras: “quem não sabe o que procura não sabe o que encontra”, e quantos “achados” todas nós que passamos pela vida de Suely “achamos”, e que transformaram nossas vidas.

Para essa homenagem de vida pensei em escrever sobre a prática política feminista de Suely, mas por onde começar, questionei-me. Foi então que lembrei que havia realizado uma entrevista com Suely para meus estudos de mestrado. Eu era orientanda de Suely e pesquisava a participação dos homens na saúde reprodutiva, a opção pela vasectomia, e fiz essa entrevista no dia 09 de junho de 2005, em sua casa. Para construir a homenagem recorri a essa entrevista – a qual considero inédita, pois quase não usei em minha dissertação de mestrado –, somada à linha da vida que construí por ocasião da homenagem realizada em 2017², a minha memória – uma vez que cada encontro era um aprendizado – e, também ao acervo pessoal de Suely³.

Quando comecei a (re)ler essa entrevista, a qual estava transcrita a lápis há mais de 15 anos, percebi que ali Suely narrava sua trajetória de encontro com o feminismo e que esse encontro entrelaçava com sua história no Serviço Social. Foi a partir dessa leitura que eu optei por deixar a narrativa por conta de Suely, nada melhor que ouvi-la contar a sua própria história.

Usarei *itálico* quando da utilização das falas de Suely da entrevista. Fiz essa opção pois são narrativas da própria Suely através de minha leitura e também de minha história com ela, o que foge das citações formais de acordo com as normas acadêmicas.

² Homenagem à professora Suely Gomes Costa, organizada por Mônica Senna e Ana Lole, por ocasião do Seminário de 15 anos do Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social (ESS/UFF), realizada no dia 30 de novembro de 2017.

³ Em 2019 recebi de seu filho Marcio Costa o acervo pessoal de Suely para que eu possa organizar e tratar o material.

O encontro de Suely Gomes Costa com a saúde da mulher e com o feminismo nos anos 1980

Para falar do encontro de Suely com a saúde da mulher e com o feminismo é necessário falar de sua inserção na Escola de Serviço Social (ESS) da UFF. Suely, como ela mesma colocou em seu Currículo Lattes⁴, ingressou na Escola como professora colaboradora celetista em julho de 1967 permanecendo até julho de 1969. Neste período realizou atividades de ensino, de pesquisa com o projeto “Estudos de práticas profissionais: integração de Processos em Serviço Social” e de extensão no Núcleo Habitacional Mahatma Gandhi, em São Gonçalo, além de participar dos estudos para a Reforma Universitária de 1968 (revisão curricular da ESS). Em 1984 retorna, após realização de concurso público⁵, como servidora pública na instituição, ingressa como professora auxiliar de ensino, depois assistente, adjunto e, por concurso, como Professora Titular, em abril 1994, com a apresentação da tese “Signos em transformação (Serviço Social: a dialética de uma cultura profissional em cinco ensaios)”, publicada pela Cortez Editora em 1995 com o título “Signos em transformação: a dialética de uma cultura profissional”⁶ (Cf. COSTA, 1995). Aposentou em 1998, porém permaneceu como professora colaboradora, credenciada ao Programa de Pós-Graduação em História em atividades de pesquisa, ensino e extensão. Foi pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com bolsa de produtividade de pesquisa. A partir de 2002, com a criação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social na ESS, Suely passa a integrar o quadro permanente do Curso. Permanecendo credenciada aos dois Programas de Pós-Graduação até o ano de 2017. No ano de 2020, no mês de setembro, Suely teve o reconhecimento de sua contribuição acadêmica e política através do título de Professora Emérita concedido pelo Conselho Universitário da UFF.

Suely cursou a Graduação em Serviço Social pela ESS⁷, no período de 1959 a 1962, onde participou ativamente do movimento estudantil e do Diretório Acadêmico Maria Kiehl (DAMK)⁸ da ESS/UFF, sendo eleita presidenta na gestão 1961/1963. No período de 1974 a 1978 cursou Economia também na UFF, onde teve um encontro marcante para sua trajetória intelectual com a professora Hildete Pereira de Melo, professora do Curso de Economia, tornando-se sua amiga.

⁴ O Currículo Lattes foi lançado 16 de agosto de 1999, com o objetivo de catalogar as atividades acadêmicas de pesquisadoras/es e professoras/es universitárias/os. Entretanto, um efeito dessa prática é registrar trajetórias de vidas que ajudam a recompor as vivências e o cotidiano de estudiosas brasileiras.

⁵ O concurso foi para a área de Metodologia do Serviço Social, sendo a prova didática realizada no dia 16/09/1983 com o tema “Serviço Social ontem e hoje”.

⁶ Neste estudo, Suely examina a história do Serviço Social por ângulos originais, inspirada na teoria de Thompson. Uma grande contribuição para o Serviço Social brasileiro.

⁷ Suely defendeu o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em 1962 sob o título “O Serviço Social de Comunidade e o problema da mendicância em Niterói”. No material não consta o nome da professora orientadora.

⁸ O DAMK foi criado em 15 de maio de 1959 e recebe o nome da assistente social Maria Kiehl, formada em São Paulo ela atuou no planejamento e organização da ESS/UFF. Maria Kiehl junto com Albertina Ferreira Ramos coordenaram a primeira Escola de Serviço Social no Brasil, criada em São Paulo, em 1936.

Quando Suely retorna à ESS em 1984, como servidora pública, ela foi designada para a área da saúde, faz a escolha por atuar no Centro de Saúde Santa Rosa (CSSR)⁹. Acredito que a escolha de Suely estava relacionada com o fato de seu pai, que era médico, ter trabalhado por 30 anos neste Centro de Saúde e era uma pessoa muito querida neste espaço.

Lá encontra muitas pessoas que trabalharam com ela na década de 1970 na Secretaria de Saúde de Niterói¹⁰, praticamente toda a equipe inclusive o diretor da Unidade à época, o médico sanitarista César Roberto Braga Macedo, o que, segundo Suely, *cria uma facilitação de relações profissionais*.

Suely ficou no CSSR no período de março de 1984 a dezembro de 1987, lá realizou atividades de orientação de estágio; de extensão sobre educação e saúde na Escola Leopoldo Fróes e, também, como membro do Maria Mulher (Movimento Social de Mulheres da Saúde); participou da montagem do Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PAISM); e implementação do Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente (PAISMCA)¹¹.

Suely relata que *não sabia nada de saúde da mulher, estava gestando-se o PAISM, [...] eu trabalhava com saúde comunitária, saúde coletiva, planejamento em saúde*. No período que trabalhava na Secretaria de Saúde de Niterói, Santinha¹² a chamava para ir às reuniões do movimento feminista, *lá ia eu de vez em quando [...] mas não me via estimulada pelo movimento*. Neste momento Suely estava mais “impregnada de referências que moveram as esquerdas nos anos 1960”, motivada por “debates sobre rumos da saúde coletiva no país e na cidade [Niterói]”¹³. Suely também teve o encontro com a professora Hildete no período do curso de graduação em economia, segundo ela: *Hildete estava nessa época tocando a discussão do aborto no Brasil, mergulhada nos problemas da área do Planejamento Familiar, foi outra que insistiu muito, me chamou para o Movimento*. Relatei essa narrativa para dizer que foi a entrada da Suely no CSSR que apresenta a demanda da implantação do PAISM, que ela não sabia o que era, pois não trabalhava com saúde da mulher. Isso a levou a uma busca e foi procurar a Hildete. Pela primeira vez leu um jornal editado pelo movimento feminista do Rio de Janeiro¹⁴, e desta forma Suely vai *tomando consciência não só da minha própria, do meu processo de dominação, como também eu fiquei entusiasmadíssima com o Programa de Saúde da Mulher*.

⁹ O Centro de Saúde Santa Rosa (CSSR) foi inaugurado em 31 de janeiro de 1953 (no chamado “velho casarão”). A partir da data de 12 de novembro de 1974, a Unidade de Saúde foi transferida para sua sede própria na Rua Ary Parreiras, no bairro do Vital Brazil, Niterói, RJ. Em dezembro de 1997, recebeu o nome de Policlínica Comunitária Santa Rosa embora atualmente esteja sob o nome de Policlínica Dr. Sérgio Arouca (Cf. SILVA, 2014).

¹⁰ Suely trabalhou na Secretaria de Saúde no período de agosto de 1978 a maio de 1979.

¹¹ Cabe o destaque para o artigo “Repensando o PAISMCA”, publicado pela *Revista Em Pauta*, n. 15, em novembro de 1999 (Cf. COSTA, 1999).

¹² Maria do Espírito Santo Tavares dos Santos (Santinha), era médica, feminista negra e em 1983 junto com outras feministas participaram da formulação do PAISM.

¹³ Costa, 2009, p. 357.

¹⁴ O jornal *O Sexo Finalmente Explícito*, era um jornal feminista, o qual teve 8 edições publicadas entre o período de junho de 1983 a janeiro de 1986 no Rio de Janeiro.

Suely e a equipe começam então a pensar a saúde da mulher no CSSR, e resolvem convidar a Hildete para esse processo, mas a chamam como militante do movimento feminista. No dia da fala da Hildete no CSSR, que foi *um belíssimo encontro com a gente*, ela convida Suely para a reunião da Comissão dos Direitos Reprodutivos da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ) que estava sendo montada. Suely vai à reunião e lá participa da Oficina “Linha da Vida”¹⁵, uma metodologia muito presente no movimento de mulheres. Essa experiência *me emocionou, eu terminei a Oficina em lágrimas, foi a coisa mais importante da minha trajetória intelectual. Essa experiência da Linha da Vida a gente transferiu como metodologia cabendo dentro do CSSR, fizemos Linhas da Vida, eu fiz mais de 200 reuniões nesse ano com mulheres, foi assim [um] boom.*¹⁶

No CSSR *a gente conseguiu implantar o PAISM, nós nos tornamos, nesse período, um Centro de Referência para treinamento de recursos humanos, nós passamos a treinar gente para o PAISM em todas as regiões do estado. Sobre a experiência do Programa de Saúde Escolar realizado na Escola Leopoldo Fróes, eu fiquei com um grupo de jovens [...] entre 6ª, 7ª e 8ª série, quatro períodos com o mesmo grupinho, montamos uma peça de teatro, levamos essa peça para Assembleia [ALERJ] e para vários lugares que estavam discutindo os direitos reprodutivos, porque aí o que estava em debate não era planejamento familiar, eram os direitos reprodutivos.*

Neste período, a discussão sobre direitos reprodutivos estava em pauta e Suely participava da Comissão dos Direitos Reprodutivos da ALERJ com a deputada *Lucia Arruda*¹⁷, *a Hildete, uma patota enorme que eu fiquei conhecendo, a Ângela Borba*¹⁸, *a Solange Dacach*¹⁹, *a Fernanda Car-*

¹⁵ Essa metodologia traça o percurso da gente de descoberta de ser mulher, [...] são pequenos grupos de reflexão em que você fala da sua vida, o que você sabe sobre o nascimento, não distingue mulher velha de mulher nova, de nada disso, preta, branca, rica, pobre, junta as mulheres numa ideia de que as mulheres são iguais e aí tem o negócio da sororidade, numa perspectiva que era da época do movimento.

¹⁶ Sobre a experiência Linha da Vida, ver Costa 1985 e 2007.

¹⁷ Lucia Arruda, fotógrafa, “foi a primeira mulher a se declarar feminista na tribuna da ALERJ. Foi eleita aos 26 anos de idade entrando para a história política como a primeira deputada estadual eleita pelo PT [Partido dos Trabalhadores]. No final dos anos [19]70, início dos anos [19]80 passou a integrar o movimento pela anistia e o núcleo do Brasil Mulher e, depois, a Comissão de Mulheres do PT. Foi uma das deputadas que mais dedicou seu mandato à causa feminista. [...] Coube ao gabinete de Lucia Arruda um papel fundamental, entre outros, na criação da Delegacia das Mulheres no Estado do Rio de Janeiro. No final do primeiro mandato a deputada criou a Comissão Especial de Saúde e Direitos Reprodutivos” (MOREIRA; MELO, 2010, p. 30).

¹⁸ Ângela Borba, formou-se em história pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). “Na década de 1970, Ângela engajou-se no movimento de mulheres fazendo parte do Brasil Mulher. Foi uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores (PT), em 1979. Em 1982, nesta mesma época, participou de uma experiência pioneira na construção de um modelo feminista de exercício de mandato eletivo, tendo como parceiras Lucia Arruda e Fernanda Carneiro. Ao ser eleita, Lucia Arruda, titular do mandato de deputada estadual na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), teve Ângela Borba como principal assessora direta, mas de fato, o mandato era partilhado entre toda a equipe e as decisões eram tomadas de forma conjunta. Desta forma, dividiam o mandato e promoviam eventos públicos fora do âmbito da Assembleia, numa sintonia fina com o movimento de mulheres”. Disponível em: <http://www.fundosocialeslas.org/institucional-angela-borba.asp>. Acesso em 20 nov. 2020.

¹⁹ Solange Gandur Dacach, socióloga, foi assessora das Deputadas Lucia Arruda e Lúcia Souto. Participou da Comissão Especial dos Direitos de Reprodução da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e da Rede de Desenvolvimento Humano (REDEH), “criada em 1990, [...] uma associação civil, sem fins lucrativos, [que] tem como missão a promoção do desenvolvimento humano que contemple a igualdade entre os gêneros, raças/etnias, o desenvolvimento justo e sustentável, a proteção e conservação do meio ambiente e promoção da diversidade cultural”. Disponível em: <http://www.redeh.org.br/>. Acesso em 20 nov. 2020.

neiro²⁰, a gente criou um núcleo extremamente atuante em dois campos não só na implantação do Programa e Caxias, eram dois grandes pólos do estado do Rio: Caxias e o CSSR.

E nesse caminho, muito movida pelas causas em que o gabinete da deputada Lucia Arruda na ALERJ se empenhava como condutor do movimento feminista que ia se organizando através desse seu mandato, vi-me entusiasmada pelas causas desse momento e me associei às lutas feministas que aí se expandiam²¹.

Em dezembro de 1987, Suely saiu do CSSR para finalizar sua dissertação de mestrado em História na UFF. Na dissertação²² *trabalho com o Brasil Colônia, [...] com a importância da subsistência, o trabalho da subsistência e o trabalho das mulheres na subsistência brasileira em todas as regiões do país. Isso [saúde da mulher] me chamou a atenção, mas não dava tempo de virar a minha dissertação, até porque a minha dissertação em História Econômica [estava] muito impregnada pelo marxismo ortodoxo clássico, sobre os estudos da reprodução, que são estudos que convergem para os estudos da reprodução humana, tem tudo a ver.*

Neste momento, a ESS estava de mudança para o campus do Gragoatá²³ e de repente aparece um material enorme, esse material aparece sem o pessoal saber o que fazer com ele. Como eu tinha feito história, o pessoal me chama para dar uma olhada. [...] Eu acho uma preciosidade e ali eu pensei: 'Pô, a gente vai começar a desenvolver estudos sobre o feminismo dentro da Escola de Serviço Social'. O Programa de Assistência²⁴ que a Escola desenvolve localiza as mulheres no espaço público, tanto que minha tese [de professora titular] intitula-se 'Signos em transformação', ele está encaminhando essa prática feminina, que vai se montando através de uma unidade de ensino no campo político. Suely ficou trabalhando nesta documentação durante mais de um ano na Escola velha [Rua Almirante Tefé], classificando documentos com o pessoal do NDC [Núcleo de Documentação da UFF] e depois a gente se transferiu para o Campus [Gragoatá]

²⁰ Fernanda Carneiro, foi assessora da Comissão Especial dos Direitos Reprodutivos da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Atuou em diversas lutas em defesa das mulheres, especialmente no campo da saúde reprodutiva. Participou da coletânea "O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe" (Cf. WERNECK; MENDONÇA; WHITE, 2000).

²¹ Cf. Almeida e Lole, 2016, p. 388.

²² Dissertação defendida em 1988, intitulada "Pau-para-toda-obra. Subsídios para o estudo do processo de subordinação do trabalho. A matriz de qualificação da mão-de-obra do sistema fabril. (Brasil: séc. XVI a XIX)", sob orientação da professora Eulália Maria Lahmeyer Lobo (Cf. COSTA, 1988).

²³ A ESS foi criada em 1945 e funcionou primeiramente no Casarão da Rua Tiradentes, nº 148, no bairro do Ingá, em um imóvel que pertencia à Legião Brasileira de Assistência (LBA). Durante os anos 1960, a ESS esteve instalada na Reitoria, na Rua Miguel de Frias, no bairro de Icaraí, e no período entre a década de 1970 e 1980 ocupou prédio da Rua Almirante Tefé, s/nº, esquina com a Rua 15 de Novembro, no Centro, e nos anos 1990 mudou-se para o Campus do Gragoatá, no Bloco E, onde se encontra até hoje. (Cf. GAMA, 1995).

²⁴ O Programa "A História da Assistência na História das Ideias: o desenvolvimento da assistência no complexo regional do Rio de Janeiro e na escola de Serviço Social: 1930/1987", em curso desde fins de 1987, por responsabilidade de professores da ESS/UFF, compõem-se de um elenco de pesquisas sobre as condições históricas de produção do conhecimento e de práticas voltadas para a assistência social na região fluminense. O projeto de pesquisa o qual a Suely coordenava intitulava "Memória da Assistência Social na Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense: 1945/1987", desenvolvido no período de 1988 a 1993. (Cf. COSTA, 1989, p. 3).

e aí eu fiz aquelas exposições [...] de documentos²⁵. Eu não faria isso se não tivesse passado pela experiência anterior.

Suely juntamente com as professoras Leila Alonso Gomes e Gleide Carolina Indio criaram o Centro de Referência Documental (CRD), hoje localizado junto ao Núcleo de Pesquisa Histórica sobre Proteção Social (NPHPS), ambos em 1988.

Neste período, existia também uma demanda para os estudos do movimento estudantil, período de redemocratização do país e de retomada da União Nacional dos Estudantes (UNE). Ocorreu um *chamamento para organização documental [...] do que restou do tacão da ditadura. O movimento estudantil recebeu um financiamento do CELATS e da UFRJ e da UFF e elas me procuraram, o pessoal da UFF me procurou, e isso passado pelas mãos da professora Nobuco²⁶, que nessa época era nossa professora. Nobuco me chamou: ‘Suely quer ajudar a gente nessa linha de pesquisa com os diretórios acadêmicos?’*. Aí eu abri uma linha de pesquisa sobre movimento estudantil²⁷, que é todo feminino. Então, novamente a gente entra em contato com esse feminino, por causa dessa outra experiência, essa experiência anterior toda, liberando informe sobre o feminino, chegada do feminino ao espaço público, vai aparecendo isso no processo de pesquisa.

Esse foi um ciclo que eu nunca perdi de vista, aí eu passei [...] a formar uma biblioteca sobre movimento de mulheres, fui fazer doutorado discutindo o feminino e passei a lecionar uma matéria de gênero na Escola [...] era em [19]88. Na década de [19]80, [...] a Escola teve a felicidade de ter duas professoras feministas ou ligadas ao movimento feminista Marlise Vinagre²⁸ e Suely Almeida²⁹. Então, nós, conseguimos estabelecer uma con-

²⁵ As exposições documentais foram: “As duas exposições iniciais, proclamaram para o campus universitário que se instava momentos de afirmação de nosso grupo profissional: ‘Escola de Serviço Social: primeiras instalações’ [15 de maio de 1990] detalhou os ambientes do casarão da Rua Tiradentes, no Ingá e falou, afirmativamente de unidade de ensino cujo nascimento e crescimento no panorama acadêmico ocorreram muitos anos antes da criação da UFF. A outra: ‘Em tempos de violetas’ [29 de agosto de 1990] – uma homenagem à equipe fundante da ESS, no momento em que a professora Violeta Campofiorito Saldanha da Gama recebia o título de Professora Emérita, concedido pelo Conselho Universitário – revelou a presença da Escola nos momentos inaugurais das políticas sociais do antigo Estado do Rio de Janeiro. A terceira ‘Momentos de Rebelião’ [14 a 21 de outubro de 1992], transformou a homenagem aos calouros numa prova documental de continuidade da rebelião do Diretório Acadêmico Maria Kiehl, desde a década de [19]60, na qual os alunos se reconheciam, tanto nas causas dos primeiros tempos, como nas caras-pintadas então expostas. A quarta exposição – ‘Arlete Braga: de volta ao passado’ [10 a 14 de maio de 1993] – foi tanto uma homenagem a uma assistente social em seu dia, como uma revelação da vida profissional a nível local, regional, nacional e internacional, e dos métodos e conteúdos de ensino do Serviço Social de uma professora da Escola, entre as décadas de [19]40 e [19]70, para toda a Universidade. A quinta exposição – ‘Os assistentes sociais na construção da cidadania’ [27 de outubro a 03 de novembro de 1993] – demarcou, em diferentes décadas, o lado no qual os assistentes sociais se incluem. Fechou, sem dúvida, um ciclo de tomada de consciência, expressa em seu próprio título, sobre o lugar que ocupamos e que desejamos ocupar na História.” (COSTA, 1995, p. 3-4).

²⁶ Nobuco Kameyama (1940-2011) foi professora na ESS/UFF no período de março de 1985 a dezembro de 1989. Após esse período a professora foi para a Escola de Serviço Social da UFRJ.

²⁷ Projeto “Movimento estudantil na Escola de Serviço Social da UFF: a trajetória de cinco décadas”, desenvolvido no período de 1988 a 1993.

²⁸ Marlise Vinagre Silva foi professora na ESS/UFF no período de março de 1987 a janeiro de 1991. Após esse período a professora foi para a UFRJ.

²⁹ Suely Souza de Almeida (1956-2008) foi professora na ESS/UFF no período de fevereiro de 1984 a agosto de 1987. Após esse período a professora foi para a UFRJ.

vivência, eu fui com Suely pra Bertioga, [no encontro] feminista do Caribe e América Latina, quer dizer, eu e ela tivemos uma série, promovemos dentro da Escola uma série de iniciativas ligadas com os [estudos] de gênero. Então, mas a Suely [Almeida] foi trabalhar com violência e eu com saúde.

Com base nesse acervo documental, [...] eu me preparo para o concurso de Professora Titular, [...] que eu vou fazer [a tese] com base nessa documentação que eu estou trabalhando desde [19]88. A tese de Suely, publicada em 1995 pela Cortez Editora, relata sobre o “fazer historiográfico” e sua importância para o Serviço Social. Ambas experiências de Suely.

A perspectiva da longa duração histórica nos permite colocar em cena as muitas temporalidades de um lugar, e também, nelas, a variação de usos e costumes, lembrando que há continuidades e rupturas de modos de ser e de viver. Essa perspectiva que é teórico-metodológica torna menos insegura a formulação de conceitos sobre usos e costumes. Distinguem-se aí também continuidades e rupturas de práticas sociais: há as que permanecem e há as que mudam. Captura-se – com menos enganos/erros – a dinâmica social de um dado tempo. No caso do Serviço Social, essa perspectiva permite distinguir – com mais segurança – a transformação das práticas sociais e de seus significados em relação às formas de atender um conjunto de necessidades humanas. Também no caso, implica em reconhecer as desigualdades inerentes às relações de gênero diante de complexas mudanças civilizatórias conduzidas por homens e mulheres. Há conceitos que mudam rapidamente e há os que também permanecem; tudo isso ao mesmo tempo. Essa complexa configuração, se desvendada em alguns que sejam seus sentidos civilizadores, tanto nos permitem distinguir muito de uma dada dinâmica social, como do rumo de ações na busca da felicidade. Ela coloca em cena usos e costumes e possíveis motivações que mantêm continuidades e engendram mudanças de práticas sociais. E para quem trabalha com história cultural, isso é mais que fundamental...³⁰.

Suely relata que seu processo de tomada de consciência de gênero inicia com o doutorado, o qual ela ingressa em 1992, sob orientação da professora Rachel Soihet. A minha tomada de consciência de gênero vai se dar, de uma forma mais consolidada em texto e tal com a minha tese de doutorado. [...] essas coisas não se resolvem do dia para noite. A tese de doutorado de Suely “Metáforas do tempo e do espaço doméstico, Rio de Janeiro, século XIX” (COSTA, 1996) versará sobre o cotidiano doméstico e sob uma tensão que acompanha esse cotidiano que é o uso do tempo feminino, [...] é sobre o uso do tempo que é o lugar de tensões nessa saída das mulheres para o espaço público, que é uma tensão que eu vivia na minha própria vida.

³⁰ Cf. Almeida e Lole, 2016, p. 385.

A trajetória de Suely Gomes Costa na saúde reprodutiva nos anos 1990

Na retomada de Suely do doutorado, em 1996, ela vai para o Hospital Universitário Antonio Pedro (HUAP). No período entre 1996 e 1998, Suely realizou uma série de iniciativas de *avaliação do PAISM, todos os meus trabalhos com os alunos, de levantamento do sistema de referência, contrarreferência, de como é que está o PAISM, maternidade segura, tudo ligado à avaliação do Programa, do que seria o Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher.*

Neste período Suely desenvolve suas atividades de ensino, pesquisa e extensão na Maternidade do HUAP. As atividades realizadas por Suely se tornam atividades da maternidade, então *eu fiz um grande seminário sobre maternidade segura no Hospital, avaliando, entrei em contato com a Tisuko³¹, retomei todos os contatos com o movimento feminista, agora na defesa de uma maternidade segura.* Suely relata que *não tinha mais o movimento de grupo que você tinha na década de [19]80, ou seja, na década de [19]90, as mulheres feministas [estão] organizadas em ONGs, [...] estão na estrutura organizacional da saúde tocando projetos, fazendo mais ou menos o que eu estava fazendo.*

Em outubro de 1998 Suely se aposenta da Escola e deixa suas atividades na Maternidade do HUAP, porém a bolsa de pesquisa que havia solicitado ao CNPq sai logo em seguida de sua aposentadoria. Então, Suely retorna ao HUAP, enquanto pesquisadora do CNPq, *com bolsas de iniciação científica, porque esse tempo todo eu tive bolsistas de iniciação, bolsistas de extensão.* Eu fui uma bolsista de Suely de iniciação científica neste Projeto “Saúde Reprodutiva e Cidadania”, e todas nós realizávamos pesquisa e extensão nas Salas de Planejamento Familiar.

Neste retorno em 1998 ao HUAP, Suely conhece a assistente social Leila Guidoreni e acabam indo juntas trabalhar no Planejamento Familiar, já que acabara de sair a Lei nº 9.263 de 1996³², conhecida como Lei do Planejamento Familiar, e posteriormente a Portaria nº 48 em 1999³³ que regulamentava a esterilização masculina e feminina. Suely e Leila leram toda a documentação do Planejamento Familiar e perceberam que tinham que atender homens e mulheres. Para Suely a ideia era que *vai ter que trabalhar com homens e mulheres juntos, porque essa ideia de reprodução é coisa de mulher, isso é errado.* Assim Suely escreveu o trabalho “Repensando

³¹ Tisuko Shiraiwa, médica sanitária. Coordenou o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher, Criança e Adolescente da Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, no período de 1995 a 2004, e o Comitê Estadual de Prevenção e Controle da Morte Materna e Perinatal, no período de 2005 a 2015. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7097448250311715>. Acesso em 20 nov. 2020.

³² Lei nº 9.263 de 12 de janeiro de 1996 regula o § 7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19263.htm. Acesso em 20 nov. 2020.

³³ Portaria nº 48 de 11 de fevereiro de 1999, regula o art. 10 da Lei 9.263, de 12/01/1996, que trata da esterilização voluntária. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/1999/prt0048_11_02_1999.html. Acesso em 20 nov. 2020.

o PAISMCA” que foi apresentado no Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social (ENPESS) e depois o transformou num artigo, o qual foi publicado na revista *Em Pauta* (Cf. COSTA, 1999). *Aquela ideia de que reprodução é uma coisa e prazer é outra*, já não cabia mais, e as salas de planejamento familiar do HUAP passam a realizar salas mistas, com a participação de homens e mulheres, e a presença de estagiárias e bolsistas nas salas foram fundamentais.

Eu não teria chegado às masculinidades sem esse percurso [...], eu aprendi a lidar com o masculino nas salas de Planejamento Familiar numa metodologia que mudou completamente aquilo que eu aprendi nos anos [19]80. Daquilo não ficou nada, não sobrou pedra sobre pedra, a não ser a ideia da horizontalidade, de se colocar na reunião como uma pessoa, uma pessoa que tem experiência na vida reprodutiva.

A chegada dos homens nas salas de Planejamento Familiar causa desconfiança e, também, dificuldades, se falar sobre sexualidade para mulheres e entre mulheres já era difícil imaginação com a presença de homens. *Cada uma lidou de uma forma, mais livre ou menos livre, com a questão. Para mim não houve problema a partir do momento em que eu superei a dificuldade, mas houve um momento inicial que a gente não sabia bem como lidar, como discutir o órgão masculino, como sentir, discutir prazer. Isso a gente foi aprendendo fazendo, não tinha receita.*

Suely e Leila queriam que a sala funcionasse como um laboratório permanente, que cada sala fosse uma sala, sem nenhum modelo definido previamente de como a dinâmica se daria, isso a gente aprendeu fazendo.

Suely relata que a única coisa que a gente manteve da prévia tradução da Linha da Vida foi falar da experiência da gente com os métodos contraceptivos e essa não é uma experiência brasileira, é uma experiência [norte]americana. Então, essa experiência de trazer a vida da gente a público [...] era muito interessante. Um ponto interessante é que desde o início dessas salas [...] sempre teve presente [...] essa experiência de articulação das três atividades: ensino, pesquisa e extensão. Essa foi uma marca de Suely em todos os espaços em que passou, no CSSR, no Centro de Memória e no HUAP.

Suely permanece com as atividades de pesquisa e extensão no HUAP até 2006. Após esse período Suely manteve suas atividades somente nos dois Programas de Pós-Graduação da UFF, o de Política Social e o de História. Nestes programas Suely orientou muitas alunas e alunos dos cursos de mestrado e doutorado.

Em julho de 2005 a Secretaria de Assistência Social do município do Rio de Janeiro, através do então secretário Marcelo Garcia³⁴, inaugura a Biblioteca Suely Gomes Costa, uma biblioteca especializada em Serviço

³⁴ Marcelo Garcia foi aluno e bolsista de Suely durante o período em que cursava graduação em Serviço Social na ESS/UFF.

Social, com um acervo de documentação histórica da Memória da Assistência Social Carioca e outro acervo bibliográfico de livros especializados na área e temas afins.

Ao longo de sua trajetória acadêmica Suely acumulou uma vastíssima produção intelectual em torno de três grandes temáticas, como ela mesma definiu: proteção social e Serviço Social; saúde e gênero; história das mulheres. Contribuindo, assim, para a produção de conhecimento, formação de intelectuais e de novos pesquisadores.

Neste vasto legado no campo da produção do conhecimento destacarei o artigo “Proteção social, maternidade transferida e lutas pela saúde reprodutiva” (Cf. COSTA, 2002) onde Suely cunhou o conceito de “maternidade transferida”, o qual tem uma enorme presença nos estudos feministas e de gênero na atualidade. Acredita que o conceito corresponde a *uma regularidade histórica de longa duração*. Segundo Suely *para que algumas mulheres ganhassem autonomia em relação aos afazeres domésticos ou aos deslocamentos para espaços fora de suas casas – fosse em atividade privada, fosse pública – era preciso que uma enorme quantidade de outras mulheres trabalhasse para elas, fosse mediante pagamento ou favores e, sempre no espaço doméstico, num outro que não o de suas casas... Esse tipo de trabalho doméstico se assenta, também claramente, no estatuto da nossa experiência escravista. Ela ajudou muito nessa “transição” das atividades domésticas femininas “de dentro” e “de fora”, próprias ao mundo das casas. E isso definiria também um padrão comportamental que implicava numa relação de confiança por se tratar de decisão de “transferir a maternidade”. Essa prática foi extremamente necessária ao deslocamento das mulheres para o mundo do trabalho e seu assalariamento. E isso persiste entre nós e em muitas partes do mundo ainda hoje! Claro que obtendo também conquistas trabalhistas*³⁵.

Assim como na militância feminista, na sua produção acadêmica Suely reconhece o seu trabalho como fruto das conexões com importantes intelectuais de diferentes campos disciplinares. O artesanato intelectual é feito na conjugação de muitas mãos.

*A minha formação em história é marcada pela rica convivência com a Profa. Eulália Maria Lahmeyer Lobo, minha professora e orientadora de mestrado, também marxista, e depois, no doutorado, sob orientação da Profa. Dra. Rachel Soihet, essa do ‘ramo’. Aprendi com ambas que história se faz com exame da experiência social de um dado tempo e lugar. Nessa minha formação, pude distinguir os muitos tempos e lugares dos vários brasis, desde a experiência colonial. Foi uma longa ‘viagem’...*³⁶.

Como Suely diz, sua vida é feita de muitos encontros e desencontros, linhas que se cruzaram e constituíram sua trajetória. Ela própria

³⁵ Cf. Almeida e Lole, 2016, p. 387.

³⁶ Cf. Almeida e Lole, 2016, p. 386.

protagonizou muitos encontros que marcaram a trajetória de outras tantas pessoas. Sinto-me muito honrada de poder ter realizado essa leitura de vida em homenagem a minha eterna orientadora e amiga, exemplo de profissional e de amizade, Suely Gomes Costa. Para finalizar, Suely coloca que *sem esse trajeto [...] não chegaria jamais aos pontos que foi possível chegar.*

Referências

ALMEIDA, C. C. L. de; LOLE, A. Cultura, história e serviço social: entrevista com Suely Gomes Costa. *Em Pauta*, Rio de Janeiro, n. 38, v. 14, p. 384-389, 2º Sem. 2016.

CBCISS - CENTRO BRASILEIRO DE COOPERAÇÃO E INTERCÂMBIO DE SERVIÇO SOCIAIS. *Teorização do serviço social*: documentos de Araxá, Teresópolis e Sumaré. Rio de Janeiro: Agir, 1984.

COSTA, S. G. et al. Consciência crítica no Serviço Social: alguns elementos para revisão. In: CBCISS (Org.). *Teorização do serviço social*: documento do Alto da Boa Vista. Rio de Janeiro: Agir, 1988, p. 143-156.

COSTA, S. G. A voz das mulheres: linha da vida e associativismos feministas. Rio de Janeiro, anos de 1970-80. In: ABREU, M.; SOIHET, R.; GONTIJO, R. (Org.). *Cultura política e leituras do passado*: historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 437-455.

COSTA, S. G. Culturas políticas e sensibilidades: pedagogias feministas, Rio de Janeiro. Anos 1970-80. In: SOIHET, R., ALMEIDA, M. R. C., AZEVEDO, C., GONTIJO, R. (Org.). *Mitos, projetos e práticas políticas*: memória e historiografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 352-372.

COSTA, S. G. *Currículo Lattes*. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4687269215330437>. Acesso em: 15 maio 2020.

COSTA, S. G. Introdução à metodologia, teoria do diagnóstico e da intervenção em Serviço Social. *Suplemento de Debates Sociais*, Documento de Teresópolis, Rio de Janeiro, n. 4, p. 9-60, 2. ed., nov. 1970.

COSTA, S. G. *Memória da Assistência Social na Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense: 1945/1987*. Projeto de pesquisa, Escola de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense. Niterói, agosto de 1989.

COSTA, S. G. Memória do Serviço Social: lugar na História e na Historiografia. *Cadernos de Serviço Social* – Revista da Escola de Serviço Social de Niterói, n. 1, p. 1-6, 1995.

COSTA, S. G. *Metáforas do tempo e do espaço doméstico, Rio de Janeiro, século XIX*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1996.

COSTA, S. G. Movimento de mulheres: a linha da vida como forma de reflexão e ação. *Temas Sociais*, Rio de Janeiro, n. 193, p. 1-35, 1985.

COSTA, S. G. *Pau-para-toda-obra. Subsídios para o estudo do processo de subordinação do trabalho. A matriz de qualificação da mão-de-obra do*

sistema fabril. (Brasil: séc. XVI a XIX). 2 Tomos. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1988.

COSTA, S. G. Proteção Social, maternidade transferida e lutas pela saúde reprodutiva. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 301-324, jul./dez. 2002.

COSTA, S. G. Repensando o PAISMCA. *Em Pauta – Revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 109-122, nov. 1999.

COSTA, S. G. *Signos em transformação: a dialética de uma cultura profissional*. São Paulo: Cortez, 1995.

GAMA, V. C. S. da. *Memórias: homenagem aos 50 anos da Escola de Serviço Social de Niterói (1945-1995)*. Niterói, RJ: EdUFF, 1995.

MOREIRA, L.; MELO, H. P. de. Feminismo na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro: as deputadas feministas e a promoção de políticas para mulheres. *Anais... I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas*. Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 24 e 25 de junho de 2010.

SILVA, E. F. da. Metodologia feminista e direitos reprodutivos no Centro de Saúde Santa Rosa, Niterói (RJ). *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 106, p. 893-903, jul./set. 2015.

WERNECK, J.; MENDONÇA, M. L.; WHITE, E. C. (Org.). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas; Criola; [San Francisco, Calif.]: Global Exchange, 2000.

DOI: 10.12957/rep.2021.56065



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.